



A Transposição do Herói em “V de Vingança”¹

Jucelia Alves²

Universidade do Contestado – UnC

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão acerca do trabalho de transposição da graphic novel V de Vingança para as telas do cinema em comparação ao retrato do herói proposto por Campbell, neste caso transportado para o mundo dos quadrinhos. A proposta é sugerir uma reflexão acerca do que viria a configurar o conceito de herói moderno, os caminhos percorridos que possam vir a ser semelhantes ao percurso do chamado herói épico de Campbell.

Palavras-chave

Graphic Novel; Intersemiótica; Herói; Cinema

Joseph Campbell, em “O Herói de Mil Faces”, descreve a trajetória dos diversos heróis que se tornaram mito da sociedade em diferentes tempos. A partir da descrição dos heróis épicos, seus desafios, percursos, recusas e caminhos de volta, Campbell traça uma análise pouco otimista do herói da contemporaneidade. Para ele, a quebra das tradições passadas, a “teia onírica” que envolvia o homem e que ruiu com a chegada da idade moderna, levou a uma sociedade que dispensa os feitos heróicos de outrora. O homem abandonou suas crenças pautadas na ignorância para viver do aqui e agora:

A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada. (Campbell, p.73)

No entanto, a ausência na atualidade dos chamados “heróis” segundo a visão de Campbell, não significa que a modernidade não tenha trazido consigo uma nova concepção de herói. Dentre os vários tipos de herói da contemporaneidade, podemos citar o que Umberto Eco chama de “herói justiceiro” – aquele disposto a restaurar a

¹ Artigo apresentado à Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Docente do curso de graduação em Comunicação Social – Relações Públicas e do curso de Graduação em Design da Universidade do Contestado campus Mafra – UnC.

Mail: juceliaa@uol.com.br



ordem, a corrigir o erro que iniciou a sua jornada fazendo justiça com as próprias mãos. Esse novo herói criado pela imaginação humana caiu no gosto da sociedade de massa, tendo suas intermináveis aventuras contadas sob diferentes olhares no mundo todo. Alguns desses novos heróis podem ser representados na figura do homem-aranha, super-homem, capitão-américa e, como um bom exemplo do herói justiceiro, Batman. A história de todos esses heróis foi inicialmente ilustrada nas histórias em quadrinhos e vendida aos milhões entre jovens e aficcionados das chamadas *graphic novels*.

Por causa desse sucesso, muitas *graphic novels* foram adaptadas para o cinema. Após conquistar milhares de leitores em todo o mundo, os heróis urbanos das histórias em quadrinhos acabaram por conquistar platéias também nas telas do cinema. Um exemplo disso é a *graphic novel* “*V for Vendetta*” (V de Vingança), escrita por Alan Moore e David Lloyd entre os anos 1981 e 1988, que cerca de 15 anos depois de sua publicação nos quadrinhos, foi adaptada para o cinema. A proposta deste artigo é analisar de que forma se dá a transposição do herói “V” da história em quadrinhos escrita por Moore e Lloyd, para o filme produzido por Andy e Larry Wachowski. A proposta é partir das considerações de Campbell ao analisar os heróis épicos, numa tentativa de se construir o que se seria uma espécie de “perfil” do herói contemporâneo transposto de outra forma narrativa para uma narrativa do cinema.

A adaptação para o cinema

A história original de “V de Vingança” conta a história de um homem mascarado que busca restituir a ordem em uma sociedade que vive sob a liderança de um estado fascista. A trama se dá numa espécie de “projeção triste do futuro”, no que seria o modo de vida futuro da Inglaterra em 1998. Nesse futuro, a sociedade seria resultado do seu próprio medo, e a Inglaterra teria prosperado após uma guerra que acabou com países em todo o mundo. Mas essa prosperidade teria sido resultado de um regime político fascista, responsável por vigiar a vida de todos os indivíduos, perseguindo aqueles considerados “impuros” para a vida em sociedade. E é a partir de erros cometidos pelo alto comando dessa Inglaterra fascista, que surge V, um homem disposto a se vingar de todos que causaram seu sofrimento e que ele julga serem os responsáveis pelas desigualdades sociais.

Já no início da trama, V encontra Evey, uma garota de 16 anos de idade, com pouca cultura e disposta a tornar-se prostituta para garantir seu sustento. O encontro se dá quando Evey oferece serviços sexuais a um homem, se saber que de fato, trata-se de



um “homem-dedo”, - uma espécie de espião responsável por vigiar a população. V a salva dos homens-dedo e a torna uma espécie de “aprendiz”, levando-a para seu esconderijo e ensinando a ela seus valores. Mesmo que muitas vezes de forma contrariada, Evey passa a participar dos planos de vingança de V.

Na história retratada pelo cinema, algumas modificações foram feitas na trama. Evey, de mocinha ignorante e personagem vazia, no longa metragem ganhou mais conteúdo, tornando-se mais sedutora pela sua cultura do que pela sua sensualidade. Uma alteração evidente é o fato de que no filme, Evey trabalha para uma emissora de TV, ao contrário do que ocorre nos quadrinhos, onde Evey representa a figura de uma adolescente perdida, sem muitas perspectivas de vida. Na história em quadrinhos, a mocinha é retratada como o produto negativo de uma sociedade falida; no cinema, Evey representa a cidadã que apesar de todas as atrocidades sofridas, tornou-se uma cidadã de bem. A semelhança entre ambas é que nenhuma delas parece disposta a engajar-se em nenhuma luta por liberdade.

Estas adaptações do original em quadrinhos de V de Vingança para o cinema, podem ser compreendidas a partir do entendimento de Tradução Intersemiótica proposto por Julio PLAZA (1987), que entende a reedição de um sistema lingüístico anterior (nesse caso a *graphic novel*) para um outro sistema (o cinema) como uma nova maneira de narrar a mesma história, o que exige diferentes efeitos de sentido. “Reedita-se o passado, ou o referencial, em um outro modelo ou sistema de linguagem”. (OLIVEIRA et al, p.19) De acordo com os autores, a tradução intersemiótica,

(...) é portanto, o intervalo que nos fornece uma interpretação da imagem do passado. Ao recortar o passado para extrair dele um original, a tradução é influenciada por este passado, ao mesmo tempo em que ela também como presente influencia este passado. Se num primeiro momento o tradutor detém um estado do passado para operar sobre ele, num segundo momento, ele atualiza o passado no presente e vice-versa através da tradução carregada de sua própria historicidade, subvertendo a ordem da sucessividade e sobrepondo-lhe a ordem de um novo sistema e da configuração com o momento escolhido. (OLIVEIRA et al, p.22)

Com isso, percebe-se que a transposição da *graphic novel* para as telas do cinema traz inevitavelmente uma nova leitura da história original, que passa por um novo processo de significação – processo este que, apesar de atribuir novos efeitos de sentido, ainda mantém inúmeras semelhanças com seu referente original. Em V de Vingança, apesar das adaptações realizadas na história interpretada para longa-metragem, há ainda muitas similaridades entre enquadramentos traduzidos dos

quadrinhos para o cinema, bem como a preservação de diversas características estéticas e subjetivas de seus personagens.

Na história retratada pela *graphic novel*, pode-se perceber uma construção bastante comum para este gênero no que diz respeito ao estereótipo dos vilões, sempre retratados em suas formas diabólicas, num alto contraste de cores. No caso da HQ, V de vingança faz uso constante das cores preto, magenta e azul para contrastar a fisionomia dos “bandidos”. Nas telas, a figura dos vilões – nesse caso representados pela personagem do Chanceler Adam Shutler – busca preservar o ar demoníaco transmitido pela história em quadrinhos, utilizando-se do mesmo recurso de imagem em alto contraste, mas sempre representado pelas cores preto e vermelho.



Figura 1- Imagem de Shutler representada pela HQ



Figura 2 - Shutler enquadrado para a produção de cinema

Outra característica que chama a atenção na história original de V de vingança são os chamados “balloons”. Segundo ECO, o *balloon* representa, na história em quadrinhos, um importante elemento de função sonora, adaptado para suprir a limitação trazida pela produção imagética e textual no papel.

“elemento fundamental dessa semântica, é, antes de mais nada, o signo convencional da ‘nuvenzinha’ (que é precisamente a ‘fumacinha’, o ectoplasma, o balloon) o qual, se traçado segundo algumas convenções, terminando uma lâmina que indica o rosto do falante, significa “discurso expresso”; se unido ao rosto do falante significa “discurso pensado””. (ECO,2001,p. 145).

Em V de vingança, Moore e Lloyd inovam no uso do recurso de *balloons*, pois grande parte dos diálogos se dá sem apontar para o rosto da personagem, deixando que o leitor deduza que determinada fala pertence a determinada personagem, levando também a uma apreciação centrada na cena elaborada. O uso de *balloons* de forma diferenciada acaba por agregar ainda mais valor às cenas retratadas na história em quadrinhos, pois acabam por exercer a função de continuidade para a próxima cena. No cinema, essa função de continuidade que representa os *balloons* na história em quadrinhos, se dá pela inserção de narrativas em “off” pela personagem Evey, ao discursar sobre o significado do chamando “5 de novembro”, ou ainda, ao ler a carta deixada pela prisioneira anterior da cela que ela ocupa.



Figura 3 - Exemplo de balloons utilizados na HQ.

Outro aspecto significativo de V de Vingança adaptado para o cinema diz respeito à imagem criada pelo personagem V. Apesar de se tratar do herói da história, V está longe da imagem de pureza e ingenuidade. V é um herói dotado de boas intenções, disposto a perder a vida por seus ideais; no entanto é ao mesmo tempo vingativo, maldoso e não perdoa jamais seus inimigos. Tanto nos quadrinhos como no cinema, muitos são os enquadramentos que mostram o herói V com um ar tão diabólico quanto o de seus inimigos:



Figura 4 - Cena de “V” interpretada para o cinema.

Há ainda vários quadros semelhantes entre a história narrada nas HQ's e a adaptação para o cinema. No que diz respeito à estética do filme, tudo leva a crer que há uma intenção em se manter vários dos trabalhos artísticos contidos nos quadrinhos. No entanto, de acordo com os produtores do filme, *V de Vingança* em quadrinhos possui vários enquadramentos cinematográficos, que por si só serviram como base para a construção cinematográfica. Exemplo disso é a visão de V saindo das chamas, imagem que foi preservada na transposição cinematográfica; a prisão de Evey, que mantém-se deitada em posição fetal; a brincadeira de V com os dominós, significando que seu plano de vingança está se concretizando.



Figura 5 – Cena que contextualiza a história do herói, em similaridade com quadro da HQ.

Outro aspecto relevante na transposição diz respeito ao eixo central da trama. Nos quadrinhos, nota-se a preocupação central em se retratar as ações de vingança de V e especulações e jogos do comando político. O excesso de cenas de vingança de V não seria comportado em apenas duas horas de produção cinematográfica. Logo, a alternativa encontrada foi dar ênfase à relação entre V e Evey na trama, o que faz com que V assuma mais o papel de um possível par romântico de Evey do que o de um pai, como representado pela história em quadrinhos. A dose de romance conferida ao filme é completada pelo uso freqüente das rosas (não que estejam ausentes da história em quadrinhos) que não só estão presentes nos assassinatos praticados por V, como são marca da sua despedida entre V e Evey.

Percurso do herói em *V de vingança*

“O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vem diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis porque falam com eloqüência, na da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce” (CAMPBELL,2007,p. 28)

Segundo Campbell, o primeiro desafio de um herói seria o de retirar-se do mundo, combater seus próprios demônios, para então purificar-se e ter condições de dar início a sua jornada. Nesse sentido, o herói mítico se aproxima de um Deus, pela sua bondade, perseverança e conduta inquestionável. Campbell descreve o percurso do herói da seguinte forma: “um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida”. (p. 40). No entanto, esse afastamento do mundo, seria causado por um “erro inicial”, uma atitude ou acontecimento inesperado que faz com que a trama se desenvolva. Só através desse erro inicial é que o candidato a herói se sentirá impelido – ou não a mudar o estado de coisas vigentes. Em V de vingança, pode-se dizer que o chamado recebido por V acontece a partir de uma atrocidade cometida com uma série de pessoas, colocadas como cobaias de experiências científicas. A tentativa de eliminar provas – que deixam o único sobrevivente num estado deformado, seria o erro inicial que transforma esse sobrevivente no homem mascarado.

Assim como proposto por Campbell, na trama de V de Vingança, se dá a recusa pelo chamado; no entanto, essa recusa ao ato heróico se dá por parte de Evey, que resiste em participar dos planos de V. Na transposição para o cinema, Evey não assume necessariamente o posto de heroína, mas na história original de Moore e Lloyd, Evey abandona uma vida vazia e alienada para tornar-se o próprio mascarado, o que a coloca também na trajetória de um herói.

É Evey também quem sobrevive ao caminho de provas, como proposto por Campbell. Ao recusar participar dos planos de V, mas já tendo testemunhado vários de seus feitos, Evey é submetida à tortura, onde prova sua capacidade de sobreviver e a força exigida de um herói. Já a provação de V, se dá num período anterior ao do tempo da narrativa. Pode-se dizer que V é um herói que encontra-se na fase final de sua trajetória e Evey, tem sua trajetória narrada por completo no que diz respeito ao esquema “separação – iniciação – retorno”, de Campbell.

O herói retratado por Campbell assume a postura de um homem de caráter inquestionável, de bom coração, dotado de uma grande capacidade de se doar ao próximo. Esse é um dos motivos que levam o autor a acreditar no fim do herói moderno, uma vez que este não luta mais contra imagens oníricas do desconhecido. O novo herói luta apenas contra o imediatismo do mundo moderno: perdeu seus seres estranhos, plantas desconhecidas, monstros, dentre outros.



Mas nem por isso V deixa de ser um herói contemporâneo. Ao contrário do proposto por Campbell, V de vingança nos dá várias pistas do que seria um herói moderno. O herói moderno luta contra um estado de coisas não mais instituído por deuses ou monstros mitológicos; ele luta contra o próprio homem – seres humanos que encarnaram em si mesmos a imagem onírica de um monstro. O herói moderno não encarna mais a figura do “bom moço”, mas representa uma personagem mais esférica, dotada tanto de atitudes bondosas como de atitudes nefastas. “V” incorpora muito do personagem vingador de Conde de Monte Cristo, como retratado por ECO:

“[a tônica da vingança é deslocada para] a vontade de poder e desta para a Missão. Isto é, Monte Cristo, pronto para a vingança graças ao tesouro do Abade Faria, começa a entender que não é apenas mais um vingador mas um justiceiro, porque possui a liberdade e ausência de determinações”. (1991,p.101)

Nesse sentido, percebe-se que V de vingança reúne elementos do herói épico de Campbell – no que diz respeito às suas personagens, e, ao mesmo tempo, efeitos expressionistas no trabalho de composição de imagens: “oposições fortes entre sombras e luz, estilização, espaço exageradamente picturalizado, ou teatralizado. A maquiagem, as roupas e o desempenho dos atores participam da instalação de um universo resolutamente fictício, alucinado, inquietante (...)”, (VANOYE, 1994, p.33). E essa é justamente a intenção de seus produtores, que afirmam que o filme de V de Vingança não é um filme realista e nem pretende ser; é apenas um filme carregado de realidade e de crítica à sociedade do medo moderna.

Referências Bibliográficas

- COUCHOT. Edmond. Da representação à simulação. Evolução das técnicas e das artes da figuração.
- ECO, Umberto. O super-homem de Massa. São Paulo: Ed Perspectiva, 1991.
- ECO, Umberto. Leitura de Steve Canyon. In: ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. 6ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Ed Pensamento, 2007.
- OLIVEIRA, Dariluci et al. O mito do Super-Homem na mídia de massa. Monografia. Belo Horizonte: PUC-MG,2006.
- PLAZA, Julio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica . Campinas: Papyrus, 1994.